

Officina de composição
e impressão de
MANUEL HOMEM DE C. CHRISTO
R. DE S. MARTINHO
Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR
Manuel Homem de C. Christo
Redacção e administração
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 436

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2500. Semestre, 1250 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anúncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por ceato.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º Anno

A INSUFFICIENCIA NACIONAL

Reuniram-se progressistas, reuniram-se regeneradores, falaram, berraram, ameaçaram, mas, por fim, ... o que se esperava, tudo como d'antes quartel general em Abrantes.

Mette medo! Que falta de individualidade, de caracter, de civismo! Mette medo!

E mette medo á força de se repetir. E mette medo porque é tudo assim. Uma covardia geral. Peor do que covardia: uma estúpidez. A covardia civica não resulta nos homens, nos partidos, nos povos, a maior parte das vezes, senão da ignorancia, da estúpidez, da incapacidade intellectual. Os homens, os partidos, os povos tem medo porque não sabem resolver as difficuldades. Apavoram-se com a idéa das responsabilidades. Se mandarem fazer sapatos ao carpinteiro, ou portas ao sapateiro, naturalmente o sapateiro e o carpinteiro encolhem-se, tem medo, negam-se, ainda que isso lhes custe a felicidade ou a vida. Ora quasi todos os bachareis que pullulam por ahi, quasi todos os jornalistas, quasi todos os litteratos, quasi todos esses homens de intelligencia que constituem a camada dirigente dos partidos, são, para os problemas da vida publica, sapateiros deante de portas ou carpinteiros deante de sapatos. Não sabem nada. São incapazes. Tem a consciencia da sua incapacidade. E quem não tem idéas, e quem ignora, e quem se sente incapaz, facilmente transige ou abdica.

A dona da casa perita nos serviços domesticos manda com energia e auctoridade sobre os seus creados. Mas a que não sabe como se arruma um quarto nem como se põe uma panella ao lume não manda nada. A creada é que manda. Não manda nada porque não sabe mandar e porque, certa da sua absoluta incapacidade, fica atarantada se a creada se lhe vae embora. Dois males: falta de energia da sua parte e energia demasiada, ou, por outra, abuso, da parte da creada, senhora da insufficiencia da patrão.

Eu conheci um major do exercito que era, dentro do quartel, tudo quanto havia de mais exigente e de mais impertinente. Era energico, decidido, bravo, ferrabraz. Um dia teve de commandar o seu batalhão, em pé de guerra, n'umas grandes manobras. Não se imagina a mudança! O homem fez-se tão brando, abdicou por tal fórma, transigiu tanto com todas as vontades e indicações dos seus subordinados, que ninguem o conhecia. Passou de mandar a ser mandado. De se impôr a receber imposições alheias. Já não era um ferrabraz. Era um acanhado, um atado, um pusillanime.

Porque? Porque não sabia nada dos serviços de campanha. No quartel conhecia elle bem a papelada, a disposição d'uma caserna, o manejo d'armas, a nomenclatura do armamento e do equipamento. Era damnado a corrigir mappas, a conferir mostras, a passar revista á caserna, ou revista d'armamento, ou revista em ordem de marcha. Que houvesse, na mostra, um lapso, ou que estivesse um calculo erradado! Que houvesse uma porcariashina n'uma caderneta! Que estivesse mal collocado, ou mal limpo, o

candieiro da caserna! Que o soldado mudasse um millimetro, do seu logar regulamentar, n'uma fivela! Ninguem o aturava. Mas esse homem de fundo energico, esse homem decidido, porque o era, esse homem auctoritario, transmudava-se em campanha, sob o simples influxo da ignorancia, n'um patetinha, n'um pusillanime, quasi n'um covarde.

Em primeiro logar, não sabia montar a cavallo. Logo, a cavallo, não era elle que mandava. Quem mandava n'elle e no batalhão era o burro. Todos os seus cuidados, toda a sua attenção se concentrava nas orelhas do burro. Inclinava-se este para deante? Em que pensaria o burro, o que iria o burro fazer quando inclinava as orelhas para deante? Agitava-as de repente, o burro, para traz? E agora? Aparecia ao longe um automovel, ou, pelo menos, uma carroça a correr? E agora? Chegava-se a uma encruzilhada? E agora? Se o burro ateima em querer ir para a direita em vez de marchar em frente ou ir para a esquerda? Se eu ateimo com elle em sentido contrario e elle se faz pimpão e reponta? Esta era a sua preocupação constante. Lia-se-lhe nos olhos, adivinhava-se-lhe no rosto, e é claro que um homem perdeu toda a sua energia, perdeu toda a noção de si sob o peso d'uma preocupação de tal ordem.

Em segundo logar, elle não conhecia bem os serviços de bivaque, elle não sabia ler uma carta topographica, elle não tinha nenhum estudo de combate, e sentia pesar sobre si toda a enorme responsabilidade d'um major em circumstancias d'essas. Que fazer? Encostar-se aos capitães, aos subalternos, aos sargentos, que tivessem, que podessem ter os conhecimentos que a elle lhe faltavam.

Mas quem se encosta deixa de mandar. Mas quem se encosta abdica. O major ferrabraz não tinha remedio senão passar de mandar a ser mandado. A ser mandado pelo burro. A ser mandado por toda a gente. Porque deixara de ser energico? Porque passara a ser covarde? Não. Simplesmente porque passara de saber do seu officio a não saber coisa nenhuma.

Esta é a razão capital, quasi sempre, na vida social, da maior parte das asneiras, hesitações e covardias. Quem não sabe, diz o povo, é como quem não vê. Ora quem não vê, tem de andar encostado ás paredes ou pela mão dos outros. E ainda assim, protegido pela piedade dos transeuntes.

Houve discursos inflamados na reunião regeneradora e na reunião progressista. Isto é, houve a unica coisa que o portuguez sabe fazer com desembaraço e segurança. O portuguez não tem idéas. Como não tem idéas, não tem plano. Não tendo plano não sabe, não pôde executar coisa nenhuma. Ensinaram-no a falar. Sabe rhetorica. Usa da fala, maneja a rhetorica muito bem. Que mais ha de fazer, se mais nada o ensinaram a fazer?

A's moções radicaes apresentadas por regeneradores e progressistas respondiam os marechaes: «Mas olhe que, por outros termos, tudo

isso está incluído na nossa moção.» José Luciano objectava que para a republica não ia. Caso sério! Então sem o José Luciano o que havia de fazer o partido progressista? Depois, se as moções radicaes já estavam incluídas na moção dos marechaes... E estavam. Reflectindo bem via-se que estavam. Ah, então se estavam, estavam. Os radicaes sahiram muito contentes porque as tinham dicto gordas. E os marechaes ficaram muito contentes... por terem ficado contentes os radicaes.

Que alegria! Alegria para os que as disseram tésas. Aquillo é que foi! Alegria para os que as ouviram, porque... não passaram de as ouvir.

Quem vive em Lisboa, e passa, de longe que seja, pelos politicos, não ignora que não ha nenhum regenerador, que não ha nenhum progressista, excepção feita d'algum raro tradicionalista, que tenha amor á monarchia. Nenhum! José Luciano, apezar de tudo quanto diz, não chora, nem Julio de Vilhena, se accordar amanhã e vir o throno de cangallhas. Não chora. Garantimos que não chora nenhum d'elles. Mas na aventura é que elles se não mettem. Por causa do insuccesso? Não. Com regeneradores, progressistas e republicanos colligados, a republica seria um facto seguro. Não é pelo insuccesso. E' precisamente pelo successo. Não é o insuccesso que lhes mette medo. E' o successo. Isto, como está, está encarrilhado. Com sua magestade nas Necessidades, José Luciano e Julio de Vilhena já sabem muito bem o que hão de fazer. A papinha está feita. E' papa la. Mas o que será isto, sem sua magestade no Paço das Necessidades? E' preciso, então, fazer de rei. Os papéis são outros. Tudo isto dá volta. Mais trabalho, mais responsabilidade. Portanto, mais idéas, mais miolo. Para tanta coisa, já não tem cabeça, nem pachorra, José Luciano e Julio de Vilhena.

Mas os novos estão para os velhos como os velhos estão para o rei. Os marechaes não sabem o que hão de fazer se lhes faltar o rei. Os novos não sabem o que hão de fazer se lhes faltarem os marechaes. E depois... se se deita abaixo o rei? E depois... se se deitam abaixo os marechaes?

Os proprios republicanos não sabem o que hão de fazer, nem para deitar abaixo o rei, nem depois de ter cahido o rei. O rei ainda é a unica segurança da sua incapacidade, da sua absoluta insufficiencia. E por isso nós estamos assistindo n'este momento a um dos espectaculos mais interessantes na historia do mundo: os monarchicos mortos que os republicanos façam a republica, e os republicanos mortos que a façam os monarchicos. Espectaculo dos mais interessantes, repetimos, na historia do mundo.

Por todos os lados abundam as provas da insufficiencia geral da sociedade portugueza. A *Lucta*, analysando as reuniões magnas de domingo, concluiu por estes termos:

«Constatamos, que o facto é digno de registro, que n'uma e outra assembleia foram admitidos representantes de jornaes. Não esperavamos que tal se fizesse, e não tinhamos sequer o direito de o esperar. Esse exemplo não o demos nós no congresso do Porto, o que foi, por mais d'um titulo, lamentavel.»

Mas porque se limita a *Lucta* a essa piadinha, a essa facadinha, e não levantou vivamente na occasião o bello principio do congresso publico?

Os mais audaciosos partidarios não passam n'este paiz de piadinhas, de remoções, de censuras encobertas. Se alguém levanta a voz, tudo grita *pchiu, pchiu*... mesmo os que estão mais convencidos dos erros ou abusos commettidos. E se alguém vae a objectar... «Mas então...» «Mas então... responde-se logo, o sr. tem razão. Mas deixe lá. Isto nasceu torto, torto ha de morrer.»

Não é. E' que toda a gente tem medo de assumir responsabilidades. E' que toda a gente sente em si que não é capaz de fazer melhor que os que estão fazendo mal.

Isto é como uma casa muito velha, que se vae remendando á falta de forças para se fazer uma obra completa.

Porque dão os republicanos o spectaculo vergonhoso dos seus congressos á porta fechada? Porque conhecem muito bem a vacuidade dos seus cerebros.

Escusam os Caldas e os Brunos de carpir sobre a falta de caracter nacional. Para ter caracter, a primeira condição é ter saber. Quem não sabe... é como quem não vê. E quem não vê só não dá com a cabeça nas paredes se o guiam pela mão, e só não tropeça em quem passa se quem passa tiver a caridade de se desviar do ceguinho.

A nossa insufficiencia moral vem em grande parte da nossa insufficiencia intellectual.

EXPEDIENTE

Na nossa ultima cobrança, vieram devolvidos alguns recibos com a nota, escripta pelos empregados do correio, de que estavam ausentes os destinatarios, de que não foram encontrados ou de que, avisados, não pagaram. Novamente os vamos remetter, pedindo aos nossos assignantes a quem elles são dirigidos o favor de nos attenderem agora, para evitarmos irregularidades e atrasos.

QUEIRA PERDOAR

E' o estribillo de Camacho, como se sabe. Camacho está sempre a escrever na *Lucta*: queira perdoar. Pois então... queira perdoar.

Queira perdoar, mas não consta que a alma de Hervé seja tão pequena, nem o dominem de tal fórma o odio e a inveja que elle tenha jámais deixado de protestar contra uma iniquidade como aquella que condemnou em Santa Clara, tribunal inquisitorial, tribunal d'excepção, tribunal tyrannico, um official que estava dentro dos bons principios e da lei, e que nunca tinha feito outra coisa no exercito senão desempenhar honradamente as suas funcções.

Camacho escreve:

«Aquelle famoso Hervé, advogado do anti-militarismo, foi mais uma vez processado por injurias ao exercito. E' uma creatura muito curiosa, aquelle Hervé. Como não é patriota, procura deprimir a patria franceza, pondo-a abaixo de todas as outras. Não o conhecemos; mas iamoz jurar que esse grande amigo da humanidade, deve ter uma alma muito pequena.

O odio e a inveja devem constituir a maior nobreza dos seus sentimentos. Internacionalista! E porque não trampolineiro?»

Camacho, é um perigo ter a lingua tão comprida! Hervé não põe a patria franceza abaixo de todas as outras. Nive-la, simplesmente, a patria franceza com as outras. Mas sejam quaes forem as doutrinas de Hervé, Hervé é coerente. Que dizer d'aquelles que eram hontem anarchistas e que são hoje poucmenos de reaccionarios?

O que serão os outros, a aceitar-se que Hervé seja um trampolineiro?

Se Hervé injuria o exercito, ainda ahi é coerente, ainda ahi está no seu campo. Mas que dizer d'aquelles que assistiam em silencio, e no fundo regosijando-se com ella, á condemnação de um official patriota, verdadeiramente patriota, e por cima democrata, d'um official que estava farto de pugnar pelo melhoramento material e moral do exercito portuguez, de profestar contra-todos os abusos commettidos n'esse exercito, de revelar todas as immoralidades e todos os trammas que n'esse exercito se praticavam, e por isso, só por isso, com a aggravante de ser um republicano democrata, condemnado por homens sem auctoridade, constituindo o mais odioso tribunal que ha n'esta terra?

Não basta uma pessoa dizer-se patriota, Camacho. Não basta uma pessoa dizer que não é inimiga do exercito. Quando Camacho mantinha o mais rigoroso silencio em volta dos trammas liberticidas denunciados pelo official que o tribunal de Santa Clara mais tarde inquisitorialmente condemnou, Camacho não era um democrata. Quando Camacho ouvia indifferente a revelação das mais espantosas immoralidades e abusos commettidos no exercito, Camacho não era amigo do exercito. Quando Camacho ouvia referir, sem fazer caso, toda a miseria material e moral dos quartéis, todo o triste abandono em que vegetava o soldado, toda a nossa insufficiencia militar, Camacho não era patriota. Então, Camacho, não insulte quem defende com coherencia e franqueza os seus ideaes, sejam bons ou sejam maus. Entre um anti-militarista declarado, que assumie a inteira

responsabilidade das suas palavras, entre um anti-patriota sem rebuço, e um patriota, um militarista, um humanitario da laia de Camacho, a virtude não escolhe. Prefere o anti-militarista ao militarista, o anti-patriota ao patriota, o anti-democrata ao democrata. Prefere o homem sincero, o homem franco, o homem coherente.

Assim é que é, Camacho. Queira perdoar.

Excursão de Coimbra

O nosso collega local *Districto de Aveiro*, anda furioso com os membros da comissão da recepção aos conimbreenses, por ella ainda não ter apresentado as contas do producto do festival nocturno no jardim, em favor dos tuberculosos pobres da cidade.

Por informações que colhemos, sabemos que o producto d'esse festival ainda se não achado distribuido, contando a comissão fazel-o por todo este mez, tencionando depois apresentar as respectivas contas.

A comissão é composta de homens sérios e honrados, incapazes de se lhe attribuir a mais leve suspeita, e á frente d'ella, como presidente, está o sr. Albino Pinto de Miranda, conceituado negociante e proprietario, que mesmo só, era o bastante para que de ninguem se acercasse a mais pequena dúvida na distribuição do producto do festival.

A demora que tem havido é resultado da escrupulosa escolha dos pobres que devem ser contemplados.

Cartas de Lisboa

13 DE DEZEMBRO.

Fiquei em me rir da parte comica do partido republicano. Mas eu não sei, afinal, onde começa e onde acaba o comico d'esse desditoso partido. Eu vejo o comico misturado com o dramatico. O que é comico é dramatico juntamente. Faz rir e faz chorar. Ao mesmo tempo, o que é comico não chega a ser comico, o que é dramatico não chega a ser dramatico. Não ha verdadeiras comedias, não ha verdadeiros dramas n'esta terra. E' tudo tacaño, na alegria como na dôr. Que horrorosa decadencia!

Não ha n'esta sociedade grandes tragicos, nem grandes comediantes. Por mais que a palavra grande se empregue a cada passo. Emprega-se a cada passo por isso mesmo que ella não corresponde á realidade. Não ha, na realidade, grandes escriptores, grandes jornalistas, grandes politicos, grandes actores, grandes artistas. Como não os ha, inventamo-los, n'este macaqueado pelintra de toda a nossa vida social.

Isto não é uma peça séria, isto que se representa no nosso tablado social. Isto é uma farça, isto é um entremez. Que digo? Eu vi um dia, n'uma aldeia, um entremez, e tive um dos risos mais francos, mais espontaneos, mais alegres da minha vida. Nunca me ri assim ao encarar a scena politica, quer os actores fossem monarchicos, quer republicanos. O meu riso, então, tem sido muito semelhante ao riso que me vem no circo perante os dictos e as momicas dos palhaços. E' um riso que não é riso.

Uma vez commandei uma escolta que conduzia presos militares do Castello de S. Jorge para a Torre de S. Julião. Era eu capitão. Depois d'estar já na estação do

Caes do Sodré, e de já ter mettido os presos no comboio, ouvi um grito, n'um tom tão sinceramente, tão verdadeiramente lancinante, que me varou. Era uma velha que chegava, a correr. E a velha só dizia: *Meu filho!* Que dôr n'aquelle rosto, n'aquelle gesto, n'aquelle grito! Rebutaram-me as lagrimas. Procurei o soldado, condemnado a ir para a Africa. Deixei o sahir do wagon. E as lagrimas, que tinham rebentado, correram. Eu bem lhe quiz ter mão. Diz que é vergonha um homem chorar. E, sobretudo, um militar. E eu não queria chorar. Foi impossivel. As lagrimas correram e não cessaram cinco minutos de correr. Fui forçado a perder a vergonha. E é notavel: ainda hoje me não sinto envergonhado!

Só no povo eu tenho encontrado a nota viva do sentimento. A grande nota viva do sentimento! Fóra do povo, d'esse povo tão desprezado, e ainda por cima insultado, só tenho encontrado mentira, hypoecrisia, pequenez, mediocres, comediantes a quererem traduzir os grandes pensamentos e os grandes sentimentos.

Onde está a parte comica dos republicanos? Onde está a parte dramatica? Está tudo misturado. E da mistura resultou o que resulta em tudo n'esta terra: resultou falsidade, resultou mediocridade.

Ninguem combateu João Franco com mais violencia do que eu. Afigurava-se-me um troca-tintas, nem mais nem menos que todos os outros troca-tintas da politica. Chegado elle ao poder, disse eu: «Esperemos. E' de bom senso, é de boa tactica esperar.» Pouco se tinha passado quando eu observava a mim proprio: «Comprehendo o homem. Não é o troca-tintas que eu suppunha. Tem outro nome. Este homem possuiu-se da paixão de figurar. Este homem quer ser alguma coisa. Este homem quer-se notabilisar.»

N'esta altura, já os republicanos o atacavam com a mais desordenada violencia. Era fatal o desastre. João Franco queria-se notabilisar. N'esse periodo, o seu projecto era notabilisar-se como estadista liberal. Tinha o desejo, mais do que o desejo, a ancia de lançar as bases do liberalismo inglez, e de o formar, em Portugal. Queria ficar com essa honra, queria merecer essa gloria. Tudo o demonstrava. Demonstrava o essa propria *desvergonha*, como hoje lhe chamam, com que elle solemnemente promettia, jurava, governar com o parlamento, governar com a liberdade. Não era então *desvergonha*. Era um desejo sincero. Era um proposito obstinado. Mas... era preciso conhecer a psychologia do homem. Os republicanos, sempre emparvecidos, sempre senhores, também, da sua gloria, sempre convencidos de que tudo e todos estão com elles, de que só elles são grandes, respeitados, venerados no paiz, inconscientes dos seus erros, da sua estupidez, dos seus proprios crimes, o que constitue outro estado curioso de psychologia, os republicanos não a conhecerem. Não viram que malgrado, para João Franco, o proposito de se notabilisar pelo liberalismo não hesitaria em se querer notabilisar pelo despotismo. Para ahi o arrastava o seu temperamento, a sua psychologia, o seu determinismo. Os republicanos—falamos dos dirigentes—não viram nada, porque não vêem, porque nunca viram, porque nunca hão de vêr coisa nenhuma. Em face dos principios, perante a necessidade indispensavel d'educar esta sociedade, toda ella ignorante, selvagem, inconsciente, desde as camadas mais baixas até ás camadas mais altas, os republicanos só tinham uma coisa a fazer: fortificar essa vontade de João Franco, reforçar essa obstinação, estimulá-lo, convence-lo de que não eram vãos os seus desejos. Mas em face d'um plano revolucionario, comprehendia-se que fizessem o contrario, que fizessem o que fizeram, que provocassem a dictadura, que empurrassem João Franco para a tyrannia. Existia esse plano? Não.

Antecipadamente o podia afirmar quem conhecesse os dirigentes republicanos. Quem soubesse que nunca tiveram, que nunca hão de ter plano revolucionario incapazes, como são, absolutamente, de conceber e executar qualquer plano. Absolutamente! Podia-o desde logo afirmar quem, como nós, os conhecesse. Mas eis provado para todos que o não tinham! Não tinham nada! Não tinham esse plano nem tinham os elementos necessarios para o executar. Porque não bastava n'essa altura ter plano. Empurrar João Franco para o despotismo, provocar a reacção, atrahir a dictadura, como um plano meditado, mas sem meios, desde logo, d'executar, na primeira contingencia que viesse, esse plano, era ainda uma loucura. Não tinham nada! O pouco que vieram a ter, o pouco que teem, e que elles, na sua eterna inconsciencia, na sua formidavel patetica, julgam muito, adquiriram no á ultima hora, á pressa, atabalhoadamente, deixando, como o macaco, e ainda como sempre, o rabo de fóra. Não tinham nada. O seu plano era berrear. A sua arma era a rhetorica. Imaginavam o seu verbo inflamado, mais milagreiro que as trombetas de Jesuê em frente de Jericó. Bernardino passava e á sua passagem os ricos descobriam-se e os pobres como que ajoelhavam. Não havia conferencia em que o grande pateta, envaidecido, o não contasse. Um engraxador de escada não lhe levava dinheiro por lhe engraxar as botas. Um moço de recados dizia-lhe que tinha votado no seu nome, e sacava d'um bolsinho do colete uma lista, já suja, com o nome de Bernardino, que elle trazia alli, desde as eleições, junto do coração. Que encanto! Uma capellista mostrava-lhe, n'um esconso da loja, ao lado da imagem de Santo Antonio o seu retrato. Invadia o uma ternura indizivel! A capellista era velha e feia. Apesar d'isso sentia um desejo enorme de depositar um osculo angusto na face enrugada da amavel capellista! Um alferes tirava-lhe, ao encontra-lo na rua, o chapéo. Elle não conhecia o alferes. Como as idéas republicanas estavam espalhadas no exercito! Contava tudo isto aos amigos. Não se limitava a conta-lo aos amigos. Leiam as suas perlengas, as suas conferencias, os seus discursos. Raro é aquelle em que todos esses casos picarescos lhe não servem para thema da *cordialidade*, para prova de que o paiz está republicanisado!

Essa grande idéa de si, essa idolatria do seu eu, essa convicção do poder suggestivo da sua pessoa, não a tinha só Bernardino. Tinha-a também Affonso Costa. Tinha-a o proprio França Borges. Tinha-a todo o fiel patife da republica desde que attingia o alto cargo de secretario de qualquer centro ou de rabiscador de qualquer jornalico republicano. Affonso Costa atravessava as ruas de Lisboa como se fóra um Cesar triumphador. Entrava na praça dos toiros como um grande general que se offerece ás ovações da soldadesca depois d'uma grande victoria. A cara com que França Borges descia no seu trem a Avenida, depois da corrida, era a cara de quem dizia intimamente: «Isto é nosso. Aqui quem manda somos nós.»

Bernardino, o pacifista, o humanitario, o cordeal, acabara por ir, também, ás corridas, receber as ovações do seu povo. E depois descia a pé, a Avenida, com os galileus atraz de si. Dava vontade de lhe dizer: «Vá buscar o burro e as folhas de palmeira. Mas depois sabia ao menos morrer com coragem entre os dois. E se pozer o Affonso Costa á esquerda talvez que a historia lhe perdoe todas essas parvoíces.»

Porque havia mais isto. Elles não perdiam só um tempo precioso em offerecerem a figura á adoração dos fieis. Elles praticavam dentro da republica todos os vicios monarchicos. Elevar de novo Affonso Costa, que estava em terra, era um erro espantoso. Elege-lo membro

do directorio e deputado bradava aos céos. Era uma verdadeira monstruosidade. Depois d'isso não só era impossivel fechar a porta a todos os pulhas, que em demanda d'aventuras socilistassem a honra d'entrar no convento republicano, como era forçoso *consagra-los*. E assim aconteceu. Criaturas sem credito na Universidade de Coimbra, ou antes, cheias de descredito, não só entravam no partido republicano, como, n'um salto rapido, attingiam n'elle as culminancias da consideração partidaria. Enfileiravam logo ao lado dos dirigentes. Formavam com os chefes, para as ovações, para as palmas, para o mando, para tudo.

N'um povo acostumado á idéa d'um patrão, secularmente educado em ter dono, tudo recommendava um esforço opposto ao da idolatria. Fez-se o contrario. Os centros republicanos baptisados com o nome de todos os figuretas da republica, alguns d'elles idiotas, outros conhecidos publicamente como traltantes da mais infima especie, multiplicaram-se. Promoviam-se festas unicamente para satisfazer a vaidade dos figuretas, anciosos sempre de popularidade: Bernardino fazia a mala e desatava a correr para Lisboa mal chegavam a Coimbra os echos das palmas de Lisboa. Quando Affonso era desacatado, segundo elle, no theatro de S. Carlos, telegraphava-se a Bernardino que viesse, para se lhe fazer na estação uma grande manifestação de *desagravo*. Por acaso, estava n'esse momento ao pé de Bernardino quem escreve estas linhas e mostrou-lhe bem quanto havia de ridiculo, de baixo, de attentatorio da democracia e dos interesses populares, pôr as costellas ou a vida do povo em riscos, por motivos de tal ordem. E Bernardino d'essa vez não veio, ou porque calasse no seu animo a minha eloquencia ou por receio das proprias costellas.

Como se tudo fosse pouco, veio a festa das medalhas completar o espantoso ridiculo do partido republicano. Uma gargalhada geral respondeu no paiz a essa farça vergonhosa. Uma gargalhada geral e uma sincera indignação. Principalmente quando se viu um homem, João Chagas, que chama a sério, actualmente, á casa de Bernardino, na rua de S. Bernardo, o *palacio presidencial*—não se refere á casa do cidadão com outros termos—principalmente quando se viu esse homem abaixar-se até á degradação de justificar as abjecções commettidas na Travessa do Pinheiro.

E' claro que não faltavam parvos a applaudir todas essas farçadas. Parvos não faltam. Os parvos, em toda a parte, constituem phalange, constituem exercito. Mas nunca foi com esse exercito que se derribaram thronos. O outro exercito, o de gente com algum juizo, com algum senso, com alguma moralidade, esse ria-se, esse retrahia-se, esse indignava-se,—e d'elle faziam parte numerosos republicanos, de todas as cathogorias, porque nem todos os republicanos são parvos. Esse ria-se, esse retrahia-se, esse indignava-se e havia de faltar, necessariamente, na occasião adequada.

Faltou agora. O partido republicano liquida, outra vez o dizemos, como qualquer das miseraveis quadrilhas monarchicas. Mercê dos seus desleixos, das suas parvoíces, da sua falta absoluta d'orientação e de tino, e, ainda, das suas immoralidades, dos seus crimes.

A sua responsabilidade é mais tremenda que a responsabilidade dos partidos monarchicos. Os partidos monarchicos não estavam obrigados, n'esta hora dolorosa, a fazer a revolução. Mas o partido republicano estava. Estava! Ouçam bem! Estava porque a prometteu a toda a hora, porque foi ella o *pivot* de todas as suas palavras e de todos os seus actos. Estava, porque em nome da revolução creou, elle mais do que ninguem, esta situação, que já não envergonha só os dirigentes republicanos, que já não envergonha só o partido republicano, que já não envergonha só uma patria, mas a grande causa do progresso e da civilização moderna, mas a humanidade livre.

Brutus suicidava-se depois da glo-

riosa derrota que soffreu na Thracia. Aqui não se suicida ninguem. Liquidarão todos... em pandilhas, como parece ser sestro, ha muito, d'esta terra infeliz!

E domingo diremos o resto, porque ainda não dissémos tudo.

C.

BRAVO, PATRIOTAS!

O deputado socialista Bebel combateu com energia no parlamento allemão o encarecimento do pão, entre outras coisas, attribuindo esse encarecimento aos grandes ruraes. A *Lucta* applaude. A *Lucta* declara que o deputado socialista allemão só falou, do principio ao fim do seu discurso, a verdade.

Bravo, patriotas! Mas não ha lei no mundo que mais odiosamente favoreça os interesses dos grandes ruraes que a lei cereali-fera em Portugal. E Camacho tem-a defendido na *Lucta* calorosamente! E Menezes não disse na camara, contra ella, uma unica palavra!

Mas o pão em Portugal é mais caro e peor que na Allemanhá. E Camacho dá palmas! E Menezes, moita!

Patriotismo para uso externo, não é verdade?

Ora ainda bem que se achou o motivo—está descoberto—por que Hervé é um *trampolineiro*.

OS TALABORDAS

Quem ha ahi que não tenha conhecido os dois irmãos *Talabordas*, os dois pescadores Murtoseiros, que ha muito tinham a sua residencia n'esta cidade, no seu rico *palacete* da bateira? Sim, porque estes dois populares typos nunca conheceram quartos feitos de pedra e cal e cobertos por telha. A sua residencia, o seu quarto, era a prôa do seu batel. Habitados a dormirem juntos, a andarem sempre juntos pelas tabernas, era raro vel-os desligados. E que de interessante e pittoresca não era a sua conversação quando elles levavam os *machinhos* carregados! A sua linguagem meia especie de lingua *bunda* faria rir o mais sisudo. Os seus ditos, os seus risos, acompanhados d'uns olhares esgaziados, de quando em quando a bordejarem um contra o outro, a caminho do seu barquinho, era soberbo e encantador!

Pois estes dois singulares typos, acabam de ter esta semana o seu epilago. Um, depois de ter carregado os *machos* demais, morreu afogado indo a saltar para a bateira, e o outro, morreu no dia seguinte de doença no hospital d'esta cidade.

Coincidencia notavel: viveram sempre juntos e juntos se encontraram no cemiterio!



Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Comprea a bicyclete—A OSMOND.

VELHAS OPINIÕES

O que escreviamos no «Povo de Aveiro» nos primeiros annos da sua existencia e o que escrevemos hoje.

Para que todos vejam que não é de hoje que combatemos os erros e os maus processos do partido republicano, para que todos vejam que não é de hoje que achamos detestavel a sua propaganda...

Eis o que, sob o titulo Questões Sociaes, aqui diziamos ha perto de 23 annos, a 22 de fevereiro de 1885:

O deputado regenerador Castello Branco accusou ha dias o Partido republicano em pleno parlamento, por entre bombardas de rhetorica, de falsear a sua missão na sociedade portugueza...

Sim, senhor, o partido republicano tem fugido e foge deante da parte mais importante do seu programma, da mais bella, da mais caracteristica, da que resume em si a vida, o futuro, a grandeza d'este paiz...

Nós sempre dissemos, desde o nosso primeiro numero, desde a primeira hora da nossa existencia, que o partido republicano não tinha nenhuma razão de ser em Portugal...

Maior ou menor porção de moralidade, maior ou menor porção de economia, é uma nuance importante na vida dos partidos, mas não uma differença radical e profunda de governo ou regimen.

primeiro de todos os absurdos e monstruosidades que é a forma monarchica na organisação social.

Ora o partido republicano portuguez ataca vivamente os escandalos da monarchia, as suas immoralidades e os seus esbanjamentos, mas treme de falar nas reivindicações do proletariado.

Porem os directores republicanos não mais longo. Não só seguem essa conducta, como condemnam e amaldiçoam quem segue a opposta.

Outro redactor do mesmo jornal defendeu abertamente na secção estrangeira a politica radical, combatendo o opportunismo de Ferry, em França, que por certo ainda hoje considera indigno da Republica.

Debalde nós lhe dissémos e todos os que pensam como nós: «mais vallem dez homens firmes e valentes do que mil pusillanimes e covardes.

Não nos quizeram ouvir e quasi que nos correram a pau. O que elles querem é que a Republica venha cedo, seja lá como fór.

Bodo promovido pela Sociedade Recreio Artístico para o dia 25:

NATAL DOS POBRES

Table listing names and amounts for the 'Natal dos Pobres' collection, including Saldo do anno de 1906, Dr. André Reis, Dr. Eduardo Silva, etc.

Somma réis..... 13\$490 (Continua.)

GRUPO PORTUGUÊS DE ESTUDOS FEMINISTAS

FUNDADO EM 1907

Directora:—D. ANNA DE CASTRO OSORIO

O que nós queremos:

Ao agrupar-nos para encetarmos uma publicação de estudos feministas e sociais, nós queremos dar á mulher portugueza uma bibliotheca que instrua e eleve...

Nós queremos a mulher ser raciocinante e autónomo, queremos a mulher individuo, senhora do seu corpo, como da sua vontade e do seu dinheiro.

Mas não é livre porque a lei a tem manietada e a considera uma eterna menor. Não é livre porque o preconceito a tem afastado de todo o trabalho util e remunerador.

É por a querermos liberdade e consciencia dos seus direitos como dos seus deveres, que daremos á nossa bibliotheca uma vastidão de assuntos, que em países onde a mulher fôsse mais culta e a ideia feminista mais propagandada não seria necessario reunir...

Aqui a nossa missão é mais ardua e mais complexa, porque tudo ha a fazer, infelizmente. Assim, propômo-nos publicar diferentes estudos que tenham por assunto:

- A propaganda feminista no seu aspecto geral. A historia da mulher atrevez dos seculos:—perante a Religião, a Sociedade e a Família. A mulher e o Código portuguez. A mulher na burguesia. A mulher educadora. A mulher filha, esposa e mãe. Estudos especiaes sobre a condição da mulher em Portugal, nas suas diferentes provincias e regiões. Industrias caseiras e industrias femininas, o que fôram, o que são e o que deverão ser.

Tudo quanto é relativo á mulher, e á educação infantil a cargo da mulher, caberá nesta bibliotheca, visto que é a primeira que no nosso país se inicia destinada a estudar os problemas sociais sob o ponto de vista feminista...

Tantos e tão variados assuntos não são, nem era possível que fôsem, a obra duma só pessoa nem dum só sexo; agrupados no mesmo ideal e cooperando para o seu triumpho, contamos desde já com homens e mulheres de valôr, que desapaixonadamente estudarão os diversos assuntos que nos propômos tratar...

Para receber os livros publicados, como para obter resposta sobre qualquer das questões relativas á nossa propaganda, ou pedido de conselho e orientação em qualquer caso que a mulher se julgue victima, tanto moral como legal, bastará dirigir a correspondencia para a Rua do Conde Redondo, 139, 4.º — LISBOA — ou para a directora — em SETUBAL.

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Comprae a bicyclete, A "OSMOND,"

Salão de Ensaio da banda dos Bombeiros THEATRO

No elegante salão da Banda dos Bombeiros Voluntarios, realisa-se hoje um attrahente espectáculo, dado pela Troupe de Variedades Lisbonense.

Segundo nos informam, os artistas são admiraveis, apresentando trabalhos dignos de serem vistos.

Os preços são baratissimos.

HORARIO DOS COMBOIOS DE LISBOA AO PORTO

Table showing train schedules from Lisbon to Porto, including routes like Omn. Tram. Omn. Rap. Cor. and specific times for various stations.

DO PORTO A LISBOA

Table showing train schedules from Porto to Lisbon, including routes like Omn. Rap. Omn. Rap. Cor. and specific times for various stations.

Tramways.—Do Porto para Aveiro —Partida de S. Bento, ás 9,47 da manhã, chegando a Aveiro ás 12,15 da tarde.

Partida de Aveiro: de manhã, ás 3,54, chegando a S. Bento ás 6,32. Outro ás 6,25 da tarde, chegando a Aveiro ás 8,58. Outro ás 11,1 da manhã, chegando ao Porto á 1,51 da tarde.

Pedem-nos a publicação do edital que se segue, que é de interessé geral, principalmente para a viticultura.

EDITAL

Por ordem superior e para conhecimento dos interessados se faz publico que, nos termos do decreto com força de lei de 2 de corrente, está suspensa, durante trez annos, a faculdade de plantar vinhas nos terrenos situados abaixo da cota de 50 metros...

Quando se verifique a contravenção d'estas disposições, será o infractor intimado a fazer o arranque da vinha, no prazo de cinco dias, sob pena de a elle se proceder por ordem da fiscalização official e á custa do mesmo infractor...

Os viticultores, proprietarios ou rendeiros, que pretenderem plantar vinha nas varzeas ou margens dos referidos rios e seus afluentes ou em quaesquer outras terras nos vales das regiões acima designadas, que possam não exceder a altitude de 50 metros acima do nivel do mar, tem a faculdade de requerer ao director das obras publicas do respectivo districto a averiguação e certificados gratuitos da cota, ou altura acima do nivel do mar...

O referido decreto foi publicado no Diário do Governo n.º 275, de 5 do corrente.

Direcção Geral da Agricultura, em 6 de dezembro de 1907.

O Conselheiro Director Geral, Alfredo Carlos Le Cocq.

POVO DE AVEIRO

Vende-se nas seguintes localidades:

LISBOA

Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Silva, rua D. Carlos I, 102-104. Tabacaria Filismino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto á drogaria Falcão). Havana de Alcantara. Mercado d'Alcantara n.º 6. Tabacaria Inglesa, Praça do Duque da Terceira, 18. Antonio Fernandes, R. Nova do Almada, 46. Kiosque Elegante, Rocio.

ALCOBAÇA

Antonio Vazão.

COIMBRA

Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.

Mercado de Aveiro.

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Table listing market prices for various goods like Feijão branco, encarnado, manteig, amarelo, misturado, etc.

SAL.—O wagon de sal vende-se actualmente a 30\$000 réis posto na estação do caminho de ferro d'esta cidade.

POSTAES DE AVEIRO

Primorosa collecção de 16 novos pos taes, edição de Alberto Ferreira, Porto. A venda em todas as casas de postaes. Depositario—Baptista Moreira. Casa Photographic—AVEIRO.

TRENS DE ALUGUER

LUTHARIO HOMEM CRISTO Com cocheira provisoriamente á ponte da Dobadoira, com frente para o lado do caes, e frente para o Largo dos Santos Martyres.

Advertisement for José Maria Soares, a doctor and surgeon, with contact information for his clinic in Aveiro.

Artigos photographicos, POR PREÇOS MODICOS, Vendem-os Felix, Filhos AVEIRO

IMPRESSÕES DE VIAGEM

O QUE EU VI E OUVI ATRAVEZ DO EGYPTO E DA VELHA EUROPA Vendem-se n'esta redacção, por 800 réis, os dois bellos e excellentes volumes d'esta publicação, escripta pelo nosso illustre correlligionario José de Souza Larcher.

FABRICA DOS SANTOS MARTYRES

DE
CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.^a

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

**ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA
AVEIRO**

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*—18.^a ed., cart. 200 réis, broch. 150
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5,5000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6,5000
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—1.^a ed., cart., 200 réis, broch. 150
Guia prático e teórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 150

ESCRIPTA

- Arte de Escripção**—cada caderno, 30
Livros de polémica sobre o Methodo
A Cartilha Maternal e o Apostolado..... 500
A Cartilha Maternal e a Critica..... 500
 Do mesmo auctor:
LITTERATURA
Campo de Flores—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed., (esgotado), 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.
 Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.
 Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS
—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO

MATERIAES PARA CONSTRUCCOES

DE
Antonio da Costa Junior

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás sainhas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejãs de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinha, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um correitor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou que quer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

Feitos quasi de graça só na Oficina de alfaiate

DO
ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

Cobrança de pequenas dividas

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E' a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remetidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A' venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

POVO DE AVEIRO
—DE—
TYPOGRAPHIA
—DE—
AVEIRO
Especialidade em cartões de visita

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, elvourissos do Alemtejo e banha da terra, *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de sala. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

MACHINAS "PFAFF,"

—E—

BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicycletas e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicycletas, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicycletas e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicycletas.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito Santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicycletas tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.